

4 de Fevereiro de 2014

## **Entrevista ao Senhor Amr Ramadan, Embaixador do Egipto**

### **Senhor Embaixador, como caracteriza a actual situação política no Egipto?**

Como sabe, os egípcios revoltaram-se contra o regime de Mubarak, em Janeiro de 2012, pedindo para ter mais liberdade, mais justiça e mais dignidade, o que se pode reflectir tanto no domínio político como económico. Nessa ocasião, foi pedido ao Conselho Militar que administrasse o Estado até que as eleições tivessem lugar. Tivemos eleições que colocaram no poder o Presidente Morsi, da Irmandade Muçulmana em Julho de 2012. Ao cabo de seis meses de governação a oposição começou a demonstrar a sua insatisfação pela forma como as coisas estavam a correr. Em dado momento, houve uma reacção que apontava para algumas mudanças. Essas reacções tinham como destinatários tanto o Presidente Morsi como a organização que ele representava: a Irmandade Muçulmana. Foi pedido ao Presidente para fazer algumas concessões ao povo e às forças políticas. Muito pouco foi feito neste sentido mas ao invés, muita retórica, e, após um ano de governação, milhões foram para as ruas pedindo ao Presidente Morsi que abandonasse o poder. Durante dias Morsi não deu qualquer resposta aos múltiplos apelos vindos da população. Morsi respondeu apenas que se encontrava legitimamente no poder. Da sua parte, as Forças Armadas apelavam ao diálogo e ao consenso entre todas as partes.

O povo reclamava que não era este modelo de governação que queria, tal como havia reclamado contra o anterior Presidente Mubarak. O povo quer liberdade e dignidade. Dignidade, essa, igualmente nas relações com os outros países. O povo reclamou oportunidades também no campo económico e garantias de um futuro melhor. Neste domínio, as Forças Armadas ficaram do lado do povo e estabeleceram contactos com a maioria das forças políticas, incluindo a Al-Azhar e a Igreja, tendo convidado a participar a Irmandade Muçulmana através do antigo Presidente do Parlamento.

Neste momento, temos um presidente de transição e um governo de transição e iremos ter novas eleições para a presidência em Abril e novas eleições para o Parlamento.

Em Setembro de 2013, Amr Moussa, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros, foi escolhido para a presidência do Comité dos 50 que irá alterar a Constituição egípcia.

Uma nova Constituição foi adoptada a 18 de Janeiro de 2014 depois do referendo que foi aprovado por 98,1% dos eleitores, e com um nível de participação de 38,6%.

### **De que forma é possível conter o conflito interno no Egipto?**

A situação tem duas faces: primeiro, há pessoas que recorreram à violência e ao terrorismo e a única maneira de lidar com estas pessoas é através da polícia e do exército. É inaceitável que as pessoas andem com armas pelas cidades a ameaçar e a aterrorizar os seus compatriotas. A segunda, há pessoas que apenas têm pontos de vista políticos, e essas pessoas deveriam estar incluídas em qualquer processo de reconciliação futuro.

O Egipto vai realizar uma votação presidencial antes de eleger o Parlamento, cumprindo um roteiro e aumentando a probabilidade de o chefe do Exército, o Marechal Al-Sisi, ser eleito como Chefe de Estado dentro de meses, uma vez que a sua candidatura é apoiada por alguns populares.

Após a revolução de Janeiro de 2011, os egípcios chegaram à conclusão que se não gostarem do presidente, simplesmente o põem a andar. Tão simples quanto isto. Durante a governação de Mubarak não estava prevista na Constituição a destituição do presidente, e é isso que queremos salvaguardar no futuro. Tudo isso aconteceu nos primórdios da nossa democracia. Agora evoluímos e podemos tomar legalmente medidas constitucionais de impugnação presidencial. Portanto, estamos a avançar.

Após a Revolução de Junho tem havido figuras proeminentes a tentar chegar à Irmandade Muçulmana numa tentativa de reconciliação, o que eles recusaram categoricamente.

### **Qual é o papel da Irmandade Muçulmana?**

Tecnicamente falando, a Irmandade Muçulmana não estava no poder, por que o Governo não era formado pela Irmandade Muçulmana. Somente o presidente pertencia ao grupo. O Primeiro-ministro não pertencia. O presidente foi muitas vezes acusado de não ser presidente de todos os egípcios, mas apenas do seu grupo. A actuação da Irmandade Muçulmana durante este período foi a de tentar controlar áreas-chave do Governo. Agora, isso acabou. Muitos dos seus membros acreditam no diálogo e numa verdadeira forma islâmica de fazer as coisas. Podem reunir-se para dialogar pois rejeitam o uso da força.

### **Qual a importância de Portugal nas relações com o Egipto?**

Após a Revolução novos caminhos foram traçados. Portugal e os nossos vizinhos são chamados a proporcionar-nos apoio político e económico. A experiência que Portugal teve com a Revolução de 25 de Abril de 1974 é importante para nós. Existem muitas similitudes entre o que aconteceu em Portugal e o que está agora a acontecer no Egipto.

Alguns países europeus a princípio acreditavam que o que aconteceu no Egipto era um "golpe de Estado". Na verdade, o que os Estados Unidos ou a União Europeia pensam não importa muito porque os Egípcios já decidiram o seu futuro. Temos as nossas convicções quanto ao caminho a seguir. Precisamos de amigos que nos apoiem nos momentos difíceis, não apenas nos momentos fáceis.

O Egipto é um grande país com muitas instituições. Acredito que com o vosso apoio possamos ultrapassar esta difícil etapa.

Entrevista com o Embaixador do Egipto, Senhor Amr Ramadan, registada no dia 4 de Fevereiro de 2014